

Entrevista com Sérgio Rabello

Site Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

01. Sérgio, você atuou por treze anos como executivo e homem de criação em agências de propaganda. Em 1978 iniciou a sua carreira como humorista, no Teatro Senac Copacabana, no Rio de Janeiro. O fato de você ter trabalhado com a criação, que necessita de muita criatividade, o ajudou na carreira de humorista?

Sim, o trabalho com criação em agências de publicidade exercita o pensamento e o exercício diário de redação dá uma experiência que é muito útil para quem deseja ingressar numa carreira como autor de textos.

02. Você é o fundador do “Humor de Quinta”, que no início foi criado para ser apresentado apenas às quintas-feiras no Teatro Procópio Ferreira, em São Paulo. Hoje, juntamente com “Os Melhores do Mundo”, a “Terça Insana” e o pessoal do CQC, o “Humor de Quinta” é um dos movimentos de humor mais cotados do momento e vem lotando teatros da capital paulista e outras cidades. A que se deve esse sucesso? E o que diferencia “O Humor de

O sucesso se deve principalmente ao boca a boca do próprio público, que entusiasmado recomenda o espetáculo. A diferença está na própria formação de cada um e no repertório variado que tem 27 temas que são alternados a cada apresentação como em um teatro de variedades. O público pode inclusive escolher os temas votando pela internet e ver os quadros que votou serem apresentados no espetáculo.

03. O “Humor de Quinta” está viajando com o espetáculo “Vá Tomar no YouTube”. Sites como YouTube de alguma forma prejudicou os espetáculos de humor com a disseminação de vídeos das apresentações? Ou você “encara” essa disseminação como um ponto positivo?

Eu acho que não há como ignorar que o You tube é uma ferramenta poderosa que dissemina rapidamente qualquer evento, entretanto não deixa de ser uma invasão que expõe ao público coisas sem o consentimento das pessoas e isso tem uma implicação legal que fatalmente terá que ser considerada e passível de uma legislação específica. No caso dos espetáculos, eu acho que apesar de mostrar tudo de forma amadora e sem qualidade, ele ajuda a divulgar.

04. Você raramente aparece na TV, tem preferência pelos palcos, porque não há limites. Acredita em uma mudança no humor apresentado na TV? O CQC, por exemplo, seria um passo para uma mudança?

Eu raramente apareço na TV por opção minha. Não é porque eu queira extrapolar limites ou porque faça algo que não pudesse fazer na TV. Sempre fui muito convidado, mas acho que a televisão é um veículo muito ingrato para os humoristas porque ninguém consegue ser engraçado nem brilhante o tempo todo até porque faltam roteiristas de humor na TV. Raros são os programas de humor com bons roteiristas, e quando um humorista não se mostra engraçado ele torna-se um chato e ninguém respeita.

É preciso entender que a televisão é a arte do patrocinador. Os programas são feitos apenas para que o público veja os comerciais nos intervalos (que agora já invadiram até os próprios programas com vinhetas de propaganda e merchandising). Ao contrário do teatro, um programa de humor tem que ir para o ar esteja engraçado ou não, porque os intervalos comerciais já foram vendidos (e aí coitados dos humoristas que são obrigados a apresentar textos que não graça nenhuma).

O esquema do CQC é interessante porque poupa o humorista daqueles esquemas previsíveis e caricatos, brinca com inteligência com fatos da atualidade e tem uma edição movimentada que dá dinamismo e formato moderno ao programa.

05. Sérgio Rabello é considerado pela crítica o mais criativo humorista brasileiro. Como você cria seus personagens? É difícil inventar situações novas sempre?

Não há uma fórmula. O humorista é como uma antena que observa o cotidiano, capta os acontecimentos e procura imaginar o lado engraçado das coisas. É uma coisa meio anárquica e intuitiva, talvez por isso não exista escola para humoristas. E é muito difícil sim porque se o humorista quer ser original ele tem que usar muito a criatividade, e fazer rir pelo inusitado e não apenas fazer caretas, imitações pobres e contar piadas manjadas como se vê a maioria dos programas de televisão.

06. Qual a sua opinião sobre os novos humoristas que surgiram?

Quanto aos novos humoristas, o que eu posso dizer é que os bons estão conseguindo sobressair, como o pessoal do CQC, entretanto o sucesso deles tem animado muita gente sem nenhuma condição a querer se aventurar na profissão, o que é uma lástima para o público que é obrigado a assistir tanta indigência e concursos de piadas.

07. Sempre no final da entrevista faça uma provocação. Para quem você diria poucas e boas?

Àqueles que fazem muitas e ruins, no congresso, no senado, na administração pública.